

Autonomia e as Oficinas de Aprendizagem

Autonomy and Learning Workshops

Anália Maria Dias de Gois¹

¹doutoranda em Educação para a Ciência- PGFC- UNESP- Bauru
analiamariagoes@uenp.edu.br

Isabel Cristina de Castro Monteiro²

²DFQ- UNESP, Campus de Guaratinguetá,
monteiro@feg.unesp.br

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar as dimensões da autonomia dos alunos identificadas como mais relevantes em participantes de uma metodologia denominada Oficinas de Aprendizagem, utilizado em algumas escolas brasileiras, cujo foco é o trabalho ativo do aluno. Foram utilizados para análise das entrevistas realizadas, os parâmetros propostos por Paiva (2006), no intuito de identificar indícios da autonomia mais destacados pelos sujeitos da pesquisa. A metodologia utilizada foi a técnica do grupo focal e o referencial condutor da análise são parâmetros indicativos de autonomia, vinculados a processos relativos ao aluno, oriundos da revisitação de conceitos e discussões sobre o tema analisado. Os resultados mostraram indícios de que os grupos analisados identificaram a importância de parâmetros principais, associados às dimensões individuais e sociais, além das dimensões psicológicas, técnicas e políticas.

Palavras chave: autonomia, metodologia, oficinas de aprendizagem

Abstract

This research is focused in investigating the dimensions of students' autonomy, identified as relevant in scholars inserted in a methodology known as Learning Workshops, present in a few Brazilian schools. The main objective in this type of teaching is the active work of the student. It was applied, in the interview analysis, Paiva's (2006) proposed parameters, aiming to identify highlighted autonomy traces in the subjects of the research. The method used was the focal group technique, where the conductor referential are the autonomy parameters, linked to several processes practiced by the student, which are the result of reviewing prelearned concepts and discussions about the theme in analysis. The research's results indicate that the analyzed groups can identify the importance of main parameters, associated to individual and social dimensions, besides the psychological, technical and political ones.

key words: Learning workshops, Methodology, Autonomy

Introdução

Este trabalho foi motivado por estudos realizados sobre autonomia na aprendizagem, mais especificamente, no contexto das Oficinas de Aprendizagem. A pesquisa teve início no ano de 2014, com a coleta de materiais, e terminou no ano de 2015.

Os grupos participantes da entrevista foram alunos do Ensino Médio de uma rede particular de ensino, cuja principal metodologia é denominada de Oficinas de Aprendizagem. Com o intuito de investigar o processo de desenvolvimento de autonomia desses alunos, foram realizadas entrevistas com a técnica do grupo focal, em que priorizou o resgate de memórias desses alunos, que vivenciaram as Oficinas.

O resgate de memória ocorreu por meio de discussões sobre tópicos específicos, guiados por um roteiro de perguntas, e intermediado por um mediador. A entrevista foi filmada, gravada e transcrita, e permitiu, posteriormente, a análise dos turnos de fala dos participantes entrevistados.

As categorias para a análise dos resultados foram fundamentadas nos parâmetros indicativos de autonomia, apresentados por Paiva (2006).

Ainda neste trabalho, é apresentada uma revisão teórica sobre os conceitos de autonomia, na visão de outros autores, e suas implicações no processo de aprendizagem. Também, é mostrada uma síntese da metodologia das Oficinas de Aprendizagem, para observação dos indícios que a norteiam e sua influência nos dados obtidos acerca do processo de desenvolvimento da autonomia dos alunos. Na análise dos discursos dos alunos, observamos indicações que as Oficinas favorecem o desenvolvimento da autonomia, especialmente as dimensões relacionadas com o individual e o social e, ainda, com as dimensões psicológicas, técnicas, sociais e políticas.

Caracterizando o estudo da Autonomia

Autonomia no contexto da aprendizagem é uma questão muito complexa, pois há vários autores que possuem visões distintas sobre o tema. Paiva (2006) propõe discussões sobre autonomia no ensino de língua estrangeira e apresenta, entre outros aspectos relevantes, o papel do professor, do aluno, os materiais didáticos e a metodologia utilizada nos cursos de línguas. A autora considera que a autonomia é difícil de ser definida, afirmando que há poucos contextos em que os aprendizes são autônomos. E, que os alunos raramente estão livres das influências de fatores externos. Os últimos aspectos são considerados obstáculos para o desenvolvimento da autonomia, na visão da autora.

Na tentativa de caracterizar o processo de autonomia, é essencial retomar alguns autores que tratam sobre o assunto. Martins (2002) descreve a autonomia como vínculo de participação social e ampliação da atuação política e relaciona o tema à educação, a partir dos primórdios históricos provenientes da filosofia grega:

Autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio. Nesse sentido, uma escola autônoma é aquela que governa a si própria. No âmbito da educação, o debate moderno em torno do tema remonta ao processo dialógico de ensinar contido na filosofia grega, que preconizava a capacidade do educando de buscar resposta às suas próprias perguntas, exercitando, portanto, sua formação autônoma. (MARTINS, 2002, p.18)

Dickinson (1994) apresenta a autonomia como fundamental para tornar o aluno motivado e

capaz de realizar um trabalho mais eficiente. E, que há vários graus de autonomia os quais dependem de fatores como decisão de aprender e métodos de aprendizagem.

Crebbe (2008) reforça a importância da autonomia no ensino, e destaca fatores que considera caracterizadores, tais como o ideológico, o psicológico e o econômico. O fator ideológico está relacionado com as decisões do indivíduo, com o direito de ser livre para exercer suas escolhas durante o processo de aprendizado e não apenas ser induzido por escolhas alheias. Quanto ao fator psicológico, o indivíduo tem melhor aprendizagem quando está sobre o controle do seu próprio aprendizado. Nestas circunstâncias, o sujeito sente-se motivado e, na visão do autor, um aluno motivado é um aluno de sucesso. O último argumento apresentado, o fator econômico, está relacionado às questões de recursos para as áreas de ensino, o que não contempla todos de maneira suficiente. E isso implica em o aluno buscar recursos necessários para o seu próprio aprendizado.

Nesta perspectiva, Paiva (2006) agrega outros fatores considerados cruciais para o sistema de autonomia: o Aprendiz, o Professor, o *Input*, o Contexto, a Política Educacional e a Tecnologia. Estes elementos estão inter-relacionados pelo fato de professores e aprendizes serem partes do contexto escolar e ambos estarem inseridos no contexto social.

Outras definições são apontadas por Scharle e Szabó (2000), que descrevem autonomia no sentido de tomar decisões e, ao mesmo tempo, habilidade e liberdade para monitorar os próprios conteúdos. Outra definição mais comum, e um tanto ingênua, é a apresentada por Holec (1981, p.3) “em que autonomia é a habilidade de responsabilizar-se pela própria aprendizagem” (apud PAIVA, 2006, p. 82).

Além disso, Little (1991, p.4 PAIVA, 2006, p. 82) indica autonomia como a capacidade de planejar, monitorar e avaliar as atividades de aprendizagem, envolvendo o conteúdo e o processo de aprendizagem. O autor utiliza as estratégias metacognitivas para tratar das diferentes fases de aprendizagem.

Dentre as discussões apresentadas sobre autonomia, Paiva (2006) a define como

um sistema sócio cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula (PAIVA, 2006, p. 88).

Pelos apontamentos da autora, é perceptível a relação entre autonomia, responsabilidade do aprendiz, tomada de decisões, liberdade de escolhas e o controle sobre a própria aprendizagem. Nesta sequência, a autonomia está diretamente veiculada ao processo de aprendizagem. Para ela, a autonomia é fundamental para o processo, pois coloca o aprendiz na condição de responsável da própria aprendizagem e, portanto, livre das exigências impostas pelos métodos educacionais e pelo professor.

Fundamentada em outros autores, Paiva (2006) faz uma súmula dos vários aspectos discutidos sobre o tema e apresenta doze parâmetros mais comuns para o estudo da autonomia:

1. Autonomia envolve a capacidade inata ou aprendida;
2. Autonomia envolve autoconfiança e motivação;
3. Autonomia envolve o uso de estratégias individuais de aprendizagem.
4. Autonomia é um processo que se manifesta em diferentes graus;
5. Os graus de autonomia não são estáveis e podem variar dependendo de condições internas ou externas;
6. Autonomia depende da vontade do aprendiz em se responsabilizar pela

própria aprendizagem;

7. Autonomia requer consciência do processo de aprendizagem;

8. Autonomia está intimamente relacionada às estratégias metacognitivas: planejar/tomar decisões, monitorar, e avaliar;

9. Autonomia abarca dimensões sociais e individuais;

10. O professor pode ajudar o aprendiz a ser autônomo tanto na sala de aula quanto fora dela;

11. Autonomia, inevitavelmente, envolve uma mudança nas relações de poder;

12. A promoção da autonomia do aprendiz deve levar em consideração as dimensões psicológicas, técnicas, sociais e políticas. (PAIVA, 2006, p. 89-90).

Tais parâmetros indicados por Paiva (2006) nos mostram uma síntese sobre como as pesquisas acerca da autonomia dos alunos têm se desenvolvido em situações que envolvem a aprendizagem. Paulo Freire, filósofo e educador brasileiro, reconhecido internacionalmente pelos seus trabalhos na área de educação, também defendia a importância do desenvolvimento da autonomia para a educação. Segundo Pitano e Ghiggi (2009, p.1)

Na relação entre autoridade e liberdade, Freire parece considerar a autonomia como o ponto de equilíbrio capaz de estabelecer a legitimidade de ambas. Nesse sentido, a autonomia é, portanto, um processo dialético de construção da subjetividade individual, que depende das relações interpessoais desenvolvidas no espaço vivencial.

Na pedagogia proposta por Freire, destaca-se a importância do diálogo, das relações interpessoais, da problematização, da descoberta, da construção conjunta do conhecimento, entre vários outros fatores, que buscam superar a chamada “educação bancária”, termo cunhado por Paulo Freire e ainda bastante discutido na área acadêmica (LINS, 2011).

Freire (1996) nos mostra ser indissociável os aspectos sociais, coletivos e políticos, imprescindíveis no processo educativo, na prática pedagógica e, conseqüentemente, no desenvolvimento da autonomia do aluno. Nessa etapa inicial, a pergunta de pesquisa estava relacionada às percepções dos alunos sobre as atividades desencadeadoras de sua autonomia e os parâmetros pesquisados foram os indicados por Paiva (2006) para a análise das falas apresentadas pelos grupos focais nas Oficinas de Aprendizagem. Assim, ainda que neste trabalho, não utilizemos diretamente o referencial proposto por Freire sobre a autonomia, os indicativos da sua teoria despontam espontaneamente dos dados coletados, conforme relatamos em nossas considerações finais.

As Oficinas de Aprendizagem

As Oficinas de Aprendizagem, proposta por Rigon (2010), tem a finalidade de contribuir para o desenvolvimento de relações intrapessoais e interpessoais. Isto ocorre devido à troca permanente entre as equipes de alunos, inclusive de séries diferentes, para se alcançar a diversidade e buscar, na interseriação, ajuda para promover a integração entre os alunos.

Toda experiência da sala de aula nas Oficinas de Aprendizagem é uma tentativa de “erro e acerto”. No fazer, no aprender a aprender, eles experienciam as melhores possibilidades, testam as suas proposições,

verificam as possibilidades, estimulando o pensamento criativo e coletivo de toda a equipe (RIGON, 2010, p.20).

Nas Oficinas de Aprendizagem não acontece a seriação tradicionalmente denominada como 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Neste método, as turmas são interseriadas, o conteúdo programático apresenta-se de forma não linear e transdisciplinar. Um aspecto significativo é a abordagem diferenciada, com olhar de escola aberta, e proporciona aos alunos o gerenciamento da própria aprendizagem (RIGON, 2010).

Em uma oficina se tem, no máximo, trinta alunos. Cada uma delas comporta seis equipes com cinco alunos. As oficinas acontecem ao longo de todo o bimestre, são temáticas, com assuntos atuais que buscam contemplar, ao mesmo tempo, as diferentes áreas de ensino: Ciências da Natureza, Linguagens, Humanas, Matemática e suas Tecnologias. As classes têm sempre mesas redondas partilhadas por cinco a seis alunos, que trabalham em equipe para solução de problemas apresentados.

Para Rigon (2010) o diferencial da metodologia das Oficinas de Aprendizagem é a diferenciação de grupos e equipes, pois grupos têm metas passageiras e equipes têm metas duradouras. Dessa forma, as mesas redondas e equipes de trabalho são o diferencial para a abordagem do professor.

Outra característica da metodologia é o ambiente, além das relações de respeito, troca de experiências que oportunizem o crescimento de todos, há ainda aspectos favoráveis para o desenvolvimento da autonomia do aluno que têm influência na aprendizagem dos mesmos.

Ademais, o papel do professor nesta metodologia tem características diferenciadas do ensino regular, no sentido de estar presente, mediante o conteúdo da sua área de atuação, em todos os desafios lançados e questões-problemas propostos nas Oficinas de Aprendizagem. Durante as aulas, ele precisa acompanhar o raciocínio do aluno e observar as necessidades, situações significativas, e o progresso da turma.

Por fim, o aluno tem a possibilidade de escolher a oficina a ser cursada, de acordo com sua temática e conteúdo. Geralmente, a escolha é baseada nos conteúdos que ainda não foram vistos.

Para que a escolha ocorra de forma organizada, as temáticas das oficinas são disponíveis com antecedência, contendo: justificativa, objetivos, referencial teórico e os conteúdos programáticos a serem vistos naquela modalidade. O aluno precisa estar atento para o conteúdo selecionado na oficina, para então, escolher o que ainda não foi estudado.

Levando-se em consideração as características apresentadas nas Oficinas de Aprendizagem, Rigon (2010) faz a relação entre Oficina e Ofício:

Oficina vem do latim *Officina*. No dicionário, tem sentido de “lugar de onde se exerce um ofício; lugar de onde se preparam ou fabricam máquinas”. É, também, laboratório. Mas onde se encontra o sentido mais amplo da palavra é figurativamente. Aí, oficina significa “local onde se opera transformação notável.” (RIGON, 2010, p.41).

Para Rigon (2010), as Oficinas de Aprendizagem, são relacionadas a um ofício e cedem espaço para a criação, para o trabalho com desafios motivadores e, devem ser instigadoras para discussões em equipes, levantamento de hipóteses e avaliações e reavaliações entre seus membros, elementos contribuidores para conclusões de atividades no tempo determinado.

A pesquisa

A pesquisa foi aplicada em um Colégio da rede particular de ensino, com turmas de primeiro e terceiro ano do Ensino Médio. Essas turmas participaram das Oficinas de Aprendizagem, ao longo de todo o Ensino Médio.

O instrumento de coleta utilizado foi a técnica de Grupo Focal, que consiste em uma discussão estruturada para obter informações relevantes de um grupo de pessoas sobre tópicos específicos (GONDIM, 2002).

Utilizamos esta ferramenta com o objetivo de promover uma discussão acerca das Oficinas de Aprendizagem, incentivando a lembrança dos alunos sobre as situações vivenciadas por eles ao longo do Ensino Médio e suas percepções sobre esses acontecimentos.

Segundo Bunchaft e Gondim (2004) a tática do grupo focal é um levantamento muito rico de dados e possibilita capturar formas de linguagens, expressões e comentários sobre determinados questionamentos. Uma das particularidades é favorecer as relações mútuas entre os participantes e o mediador, que visa obter informações sobre as discussões específicas.

Para melhor organização dos grupos focais, foi necessária a elaboração de um roteiro conforme as indicações propostas por Gondim (2002):

[...] um roteiro é importante, mas sem ser confundido com um questionário. Um bom roteiro é aquele que não permite um aprofundamento progressivo (técnica do funil), mas também a fluidez da discussão sem que o moderador precise intervir muitas vezes. (GONDIM, 2002, p. 6)

O grupo focal 1 foi desenvolvido com alunos do terceiro ano do Ensino Médio e que, por isso, vivenciaram as oficinas por mais tempo. O grupo focal 2 aconteceu com alunos do primeiro ano, no início das atividades com esse tipo de metodologia. Em linhas gerais, os roteiros foram desenvolvidos em dois momentos: no primeiro, é feita uma breve apresentação dos participantes e, no segundo, são realizadas discussões sobre as oficinas de aprendizagem. A estrutura dos grupos focais 1 e 2 são apresentadas conforme a tabela abaixo:

4.1- Análise dos dados provenientes do Grupo Focal 1: alunos veteranos na metodologia das Oficinas de Aprendizagem	4.1.1. Resgate de Memórias		
	4.1.2. Imersão na Metodologia	4.1.2.a. Ao enfrentar as Oficinas de Aprendizagem	
		4.1.2.b. As dificuldades das Oficinas de Aprendizagem	
		4.1.2.c. As Oficinas de aprendizagem após vivenciá-las	
		4.1.2.d. Contribuição das Oficinas de Aprendizagem	
		4.1.2.e. Mudanças Proporcionadas pelas Oficinas de Aprendizagem	
	4.1.3. Lembranças relativas ao sentimento diante do novo	4.1.3.a. Experiências com a metodologia das Oficinas de Aprendizagem	
		4.1.3.b. Os desafios propostos pelas Oficinas de Aprendizagem	
	4.1.4. Expectativas com a metodologia das Oficinas de Aprendizagem	4.1.4.a. Preparo para enfrentar a metodologia	
		4.1.4.b. Preparo para novos desafios	
4.2- Análise dos dados provenientes do Grupo Focal 2: alunos iniciantes na metodologia das Oficinas de Aprendizagem	4.2.1 Histórico do aluno	4.2.1.a. Antigo colégio: Método de estudos.	
		4.2.1.b. Relacionamento com os alunos/ Professores do antigo colégio	
		4.2.1.c.- Administração dos estudos	
		4.2.1.d. Expectativas com as Oficinas de Aprendizagem.	
	4.2.2 Imersão na metodologia	4.2.2.a. Conhecer a metodologia e enfrentar suas dificuldades	
		4.2.2.b. Contribuições da metodologia	
	4.2.3 Sentimento diante do novo		
	4.2.4 Situações Problemáticas e novos desafios		

Figural: Estrutura dos grupos focais

Ao final da análise, foi realizada uma comparação entre os grupos focais, acerca da autonomia observada pelos veteranos e iniciantes no método. O intento foi buscar indicativos sobre a identificação dos parâmetros de autonomia vivenciados nas Oficinas de Aprendizagem.

No próximo item, apresentaremos alguns resultados observados.

Discussões dos Resultados

Nossa pesquisa foi aplicada em dois grupos focais os quais denominamos grupo focal 1 e grupo focal 2. No grupo focal 1, tratamos de investigar o processo de autonomia em alunos do 3º ano e no grupo focal 2, alunos iniciantes na metodologia. Na tabela 1, indicada a seguir, apresentamos uma síntese dos dados coletados, a partir do total de turnos de fala dos alunos em que os parâmetros relacionados foram evidenciados, e do total de alunos que destacaram esses parâmetros.

Parâmetros de autonomia	Grupo focal 1		Grupo focal 2	
	Número total de turnos	Número total de alunos	Número total de turnos	Número total de alunos
1. Autonomia envolve a capacidade inata ou aprendida;	00	00	00	00
2. Autonomia envolve autoconfiança e motivação;	08	08	00	00

3. Autonomia envolve o uso de estratégias individuais de aprendizagem.	02	02	02	02
4. Autonomia é um processo que se manifesta em diferentes graus;	02	02	04	01
5. Os graus de autonomia não são estáveis e podem variar dependendo de condições internas ou externas;	06	06	00	00
6. Autonomia depende da vontade do aprendiz em se responsabilizar pela própria aprendizagem;	01	01	02	01
7. Autonomia requer consciência do processo de aprendizagem;	08	08	01	01
8. Autonomia está intimamente relacionada às estratégias metacognitivas: planejar/tomar decisões, monitorar, e avaliar;	07	07	02	01
9. Autonomia abarca dimensões sociais e individuais;	28	28	09	05
10. O professor pode ajudar o aprendiz a ser autônomo tanto na sala de aula quanto fora dela;	01	01	01	01
11. Autonomia, inevitavelmente, envolve uma mudança nas relações de poder;	06	06	00	00
12. A promoção da autonomia do aprendiz deve levar em consideração as dimensões psicológicas, técnicas, sociais e políticas.	21	21	04	02

Tabela 1: Índícios de Graus de Autonomia do Grupo Focal 1 e 2

Na análise do corpus de entrevista do grupo focal 1, encontramos dois parâmetros em maiores índices de incidência, o parâmetro nove e o parâmetro doze. O parâmetro nove trata a autonomia compreendendo as dimensões sociais e individuais e o parâmetro doze que traz a promoção da autonomia do aprendiz levando em consideração as dimensões psicológicas, técnicas, sociais e políticas. Percebemos que ambos os parâmetros foram desenvolvidos nas Oficinas de Aprendizagem, e suas características relacionais favoreceram um desenvolvimento ainda maior dos parâmetros mencionados. Ficou evidente assim, que para os alunos, a autonomia é desenvolvida com apoio da equipe, pois, embora alguns alunos tenham demonstrado, em seus relatos, características individuais, não observamos persistência nesse item, já que as dimensões sociais apareceram em muitos depoimentos. Os aprendizes enfatizaram a ajuda de membros da equipe, as experiências, as amizades e as participações nos torneios de Robótica e outras atividades do colégio. Também ficou claro que o parâmetro das dimensões psicológicas, técnicas, sociais e políticas contribuiu para o desenvolvimento da autonomia, em especial, a tomar decisões, guiar o processo de aprendizagem e superar obstáculos. Os dados coletados mostraram que, no grupo focal 1, o parâmetro mais frequente foi o que trata a autonomia como um sistema que envolve dimensões sociais e individuais.

Nesta análise, percebemos a importância que os alunos deram a este parâmetro, quando questionados sobre a vivência no método. Foram enfáticos ao apontar o fator social como relevante no processo de aprendizado nas Oficinas.

A indicação do parâmetro de número doze, que trata da promoção da autonomia do aprendiz levando em consideração as dimensões psicológicas, técnicas, sociais e políticas, ainda nos permitem enfatizar a importância das atividades que envolvem essas características, para o desenvolvimento da autonomia do aluno.

Ao analisar os dados apresentados pelo grupo focal 2, encontramos maior índice do parâmetro quatro, o qual indica que a autonomia pode se manifestar em diferentes graus. Observamos, em nossos relatos, que alguns alunos são mais desejosos em assumir a responsabilidade por sua própria aprendizagem e buscam, inclusive, meios para que isso aconteça. Outro parâmetro evidente é o nove, que trata das relações sociais e individuais, parâmetro também destacado no grupo focal 1. E, por fim, o parâmetro dez, o professor como contribuinte para o processo de autonomia do aprendiz. Nossas histórias apresentaram que enquanto o professor limita-se ao material didático e é exclusivamente cumpridor do conteúdo programado, torna-se incapaz de preencher as expectativas de seus aprendizes.

Percebemos, também, que os parâmetros nove e doze foram constantes na análise do grupo focal 2 e que os demais parâmetros não foram frequentes nos turnos de falas. Entretanto, os participantes deste grupo apresentaram características de um perfil mais imaturo.

Para finalizar, ressaltamos que os parâmetros menos frequentes em nossos grupos focais apresentaram uma complexidade de difícil verificação com o método das Oficinas de Aprendizagem, pois, muitas vezes, os questionamentos não possibilitaram uma análise mais específica desses grupos de alunos.

Considerações Finais

A opção pelo estudo sobre a percepção do desenvolvimento da autonomia em alunos que vivenciaram as Oficinas de Aprendizagem, no Ensino Médio, surgiu quando pesquisamos sobre a metodologia e verificamos que, por apresentar características de estudos direcionados a respostas de desafios aliados à temáticas atuais, associado a um quadro docente motivador e instigador e, sobretudo, o aluno ser gerenciador de sua própria aprendizagem, percebemos que poderiam ser indícios de autonomia discente, o qual fundamentamos nos parâmetros propostos por Paiva (2006).

Em nosso trabalho, percebemos que os grupos focais 1 e 2, apresentaram praticamente os mesmos parâmetros, que envolvem as dimensões sociais e o das dimensões psicológicas, técnicas, sociais e políticas, como fatores contribuintes para o desenvolvimento da autonomia, principalmente as tomadas de decisões, conduções de processos de aprendizagem e superação de obstáculos. Como dizemos em nossa fundamentação teórica, tais parâmetros são intrínsecos a teoria proposta por Freire, que enfatiza a necessidade de práticas pedagógicas coletivas, desafiadoras, capazes de incentivar uma atuação social e politicamente adequada no entorno do ambiente escolar. Esperamos em próximos trabalhos apresentar novos dados que possam contribuir para a relação da prática pedagógica das Oficinas de Aprendizagem com a promoção de tais ações.

Referências

BUNCHAF, A. F.; GONDIM, S.M.G. Grupos Focais na Investigação qualitativa da Identidade Organizacional: Exemplo de Aplicação. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 21, N. 2, p. 63-77, mai./ago.2004.

COTTERALL, S.; CREBBE, D. Learner autonomy - teacher autonomy Interrelating and the will to empower. In: LAMB, T.; REINDERS, H. **Learner and Teacher Autonomy Concepts, realities, and responses**. Amsterdam/Philadelphia. AILA Applied Linguistics Series, v.1. 2008, p. 125-140, 1995.

DICKINSON, L. **Learner autonomy**: what, why and how? In: LEFFA, V. J. (Ed.) *Autonomy in language learning*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 2-12.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GONDIM, S. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa desafios metodológicos. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 12, N. 24, 2002.

LINS, M.. Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. América do Norte, v. 8 n. 6 p. 12, 2011.

MARTINS, A.M. Autonomia e educação a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**. N. 115, p.207-232, 2002.

PAIVA, V.L.M. Autonomia e Complexidade. In: **Linguagem e Ensino**, v. 9, n.1, p. 77-127, 2006.

PITANO, S. C. e GHIGGI, G. Autoridade e liberdade na práxis educativa: Paulo Freire e o conceito de autonomia. **Saberes**, Natal – RN, v. 2, n.3, dez 2009. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/saberes>>

RIGON, M. C. **Prazer em Aprender**: O novo jeito da Escola. Ed.Kairós. Curitiba, 2010.

SCHARLE, Á; SZABÓ, A. **Learner autonomy**: a guide to developing learner responsibility. Cambridge: CUP, 2000.